

Correio de Nisa

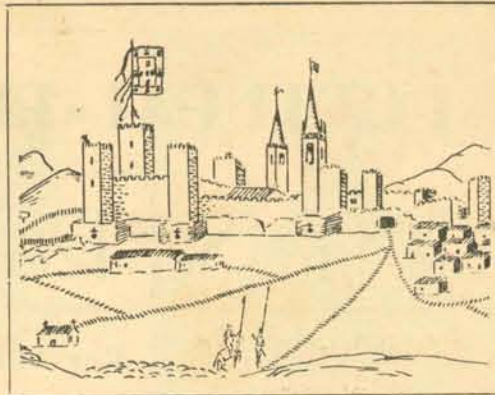
Jornal de Informação e Cultura

Director — ABEL MONTEIRO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
RUA DOS COMBATENTES DA G. GUERRA, N.º 1-B-1.º

Editor — ANTÓNIO CARMONA RIBEIRO
PROPRIEDADE DA DIRECÇÃO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
OFICINAS GRÁFICAS DA TIPOGRAFIA NISENSE



O Senhor Presidente da Câmara Municipal de Nisa DR. MÁRIO FRAÚSTO

escreve ao nosso jornal O Correio de Nisa responde ao Sr. Presidente

Ex.º Senhor

Director do jornal "CORREIO DE NISA"

N I S A

Agradecendo e acusando a recepção dos 3 primeiros números do "CORREIO DE NISA", de que V. Ex.ª é Digno Director, não posso deixar de lhe manifestar o meu aplauso como Presidente da Câmara Municipal e também como Município, pela feliz iniciativa de fazer reaparecer um órgão local de informação e cultura cuja falta tanto se fazia sentir, como ainda há pouco tempo eu afirmara a pessoa amiga e Nisense Ilustre.

Da leitura daqueles 3 números já referidos, e muito embora o tempo me escassei, não posso deixar de esclarecer a posição da Câmara Municipal de Nisa quanto ao assunto focado como artigo de fundo no n.º 2 do "CORREIO DE NISA" e intitulado "Salus Populi — Suprema Lex".

Como V. Ex.ª e todos, afinal, muito bem sabem, compete, entre muitas outras atribuições, às Câmaras Municipais zelar pela saúde e higiene das populações sob sua jurisdição. E, nesse sentido, procurando, portanto, cumprir essa missão importantíssima, da defesa da saúde pública, publicou a Câmara em 16 de Setembro de 1963 um edital com o intuito de procurar melhorar as condições de vida das populações no que se refere a salubridade, higiene e conforto das habitações, e em que se anunciava a proibição de pocilgas e estrumeiras a partir de 1 de Janeiro de 1965.

Todavia, e apesar do que se dizia no n.º 7.º daquele edital, de que envio a V. Ex.ª um exemplar, foi necessário chegar-se ao fim do prazo estabelecido para então aparecerem alguns queixumes.

E este facto, triste facto, dá-nos bem a ideia da falta de compreensão de algumas pessoas pelo alcance da medida tomada pela Câmara Municipal em prol do bem inestimável que é a saúde das populações, pois constitui sem sombra de dúvida a sua maior riqueza.

Fraca ideia nos dão ainda quanto à colaboração prestada, aqueles que pondo de parte os seus interesses particulares esquecem o bem comum, para que todos temos obrigação de contribuir, e ainda o pesado fardo daqueles que, prejudi-

cando a sua própria vida, se têm de debruçar, sabe Deus às vezes com que sacrifícios, na difícil empresa da administração municipal, sobretudo numa época em que muitas facilidades desapareceram, em oposição às necessidades crescentes e cada vez mais prementes e legítimos dos povos.

No entanto, e para não nos alongarmos em prejuízo de tempo e de espaço, reatando a palavra de ordem — o esclarecimento —, bom será dizer-se que a ideia já não é nova.

Assim, é de esclarecer que em Abril de 1939, foi publicada pela Câmara Municipal uma Postura que ainda não foi revogada nem o poderá ser, na qual se diz a páginas 9 e 13 da respectiva brochura, o seguinte:

"Artigo 1.º — É proibido:

N.º 34.º — Ter dentro dos prédios urbanos das povoações ou das suas pertenças depósitos de lixo, estrumes ou outras quaisquer imundícies;

N.º 35.º — Ter ou recolher porcos nas casas de habitação das povoações do concelho ou ainda mesmo nas cavalariças, pátios, quintais ou outros lugares, dentro das povoações de Nisa, Alpalhão, Montalvão, Amieira, Tolosa e Arez;"

Não surpreenderá, pois, ninguém a afirmação de que, passados 25 anos, tal medida tem hoje mais actualidade do que no tempo em que a Câmara entendeu já ser uma necessidade.

Julgo, Sr. Director, que seria de grande utilidade, se tal fosse possível e dentro dos planos do v/ conceituado Jornal — informação e cultura — que o público menos esclarecido fosse informado, com evidente clareza, dos malefícios que a promiscuidade de habitação do homem com os animais lhe pode ocasionar, provenientes uns de acções directas, provenientes outros de vários insectos dos quais a mosca é hoje considerada índice de pouca ou nenhuma cultura, quando a sua presença, também incómoda, é abundante.

E sendo Nisa considerada — e muito bem — como uma das

(Continua na página 4)

Este número foi visado pela Censura

Creia V. Ex.ª que é com todo o agrado que damos publicidade nas colunas deste jornal à carta que teve a gentileza de nos dirigir, no sentido muito justo e muito honesto de elucidar os munícipes sobre o caso tão discutido e tão excitante do alojamento de animais, dentro das povoações.

Nós entendemos, numa interpretação embora modesta, que as decisões da Câmara Municipal não são passíveis de discussão. Surgem, pelo "processus" legal de sua factura, e cumprem-se, numa elaboração prática do conhecido prolóquio: "manda quem pode; e obedece quem deve".

No entanto, este princípio da boa filosofia popular, apesar da sua aparente rigidez, não é bastante para fazer calar consciências e muito menos para impor uma "capitis diminutio".

O conhecimento pessoal que temos de V. Ex.ª, a forma elevada por que sabemos resolve, legalmente, os nossos problemas, a dignidade de seu proceder em todos os actos e atitudes da vida, o respeito que nos merece como magistrado municipal, a boa-vontade sempre expressiva para todas as boas sugestões ornatadas de boas intenções, põem-nos inteiramente à vontade para dizermos de nossa justiça e usarmos de nossa franqueza.

Não há qualquer pessoa, titular da tradicional dignidade lusitana, que não esteja inteiramente de acordo com a necessidade soberana de cavar abismos fundos entre os homens e os outros produtos naturais do catálogo zoológico.

A deprimência duma promiscuidade não só afecta o corpo como minimiza o espírito.

Mas, como abolir, num agitar miraculoso de varinha de condão, em mágica maravilhosa de contos

da Xerazade, um estado de coisas já secular, com raízes fundas na economia, nos hábitos, nas necessidades prementes de toda a hora, para todos os que labutam por estas paragens, em prélio constante com a ingratidão do solo e, tantas vezes, com a ingratidão dos homens?

Até os edifícios revelam no seu traçado, na disposição de seus anexos, uma "facies" da economia regional, com características próprias

(Continua na página 4)

FICHA DE LEITURA - 1

"Nótulas Etnográficas e Linguísticas Alentejanas apresentadas em expressões populares", pelo Dr. Alexandre de Carvalho Costa — Portalegre, 1964.

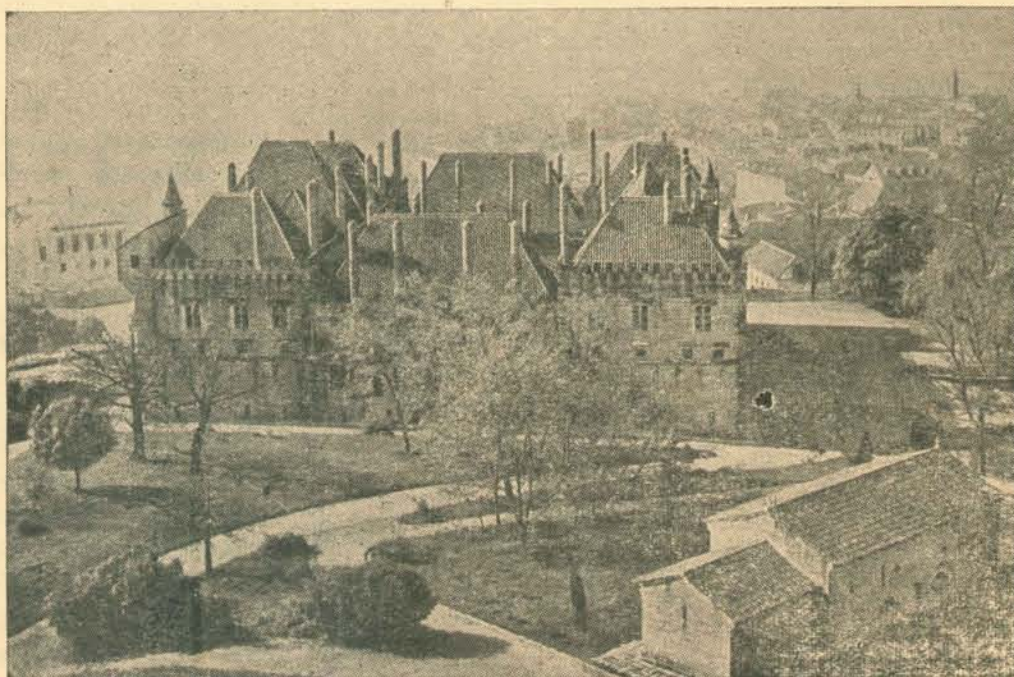
Publicando, em esmerada edição, as "Nótulas Etnográficas e Linguísticas Alentejanas" do Dr. Carvalho Costa, serviu a Junta Distrital de Portalegre a cultura nacional e concorreu para a divulgação, documentada e esclarecida, de alguns aspectos etnográficos e particularidades linguísticas — bem vindas e curiosas pela sua ressonância fonética e pela sua peculiaridade semântica das gentes transtaganas, mais propriamente o povo abo-

rigene da área do distrito de Portalegre.

Embora o autor, na sua proverbial modéstia, subestime o seu trabalho com a designação de "opúsculo" e o apelido de "Nótulas" como se foram simples achegas, empíricas e desgarradas, e embora se afirme um "curioso", um "amador regionalista de assuntos etnográficos e linguísticos", a nós parece-nos, em boa verdade, que o

(Continua na página 4)

PORTUGAL MONUMENTAL



— Paços dos Duques de Bragança —

PORTUGAL-BRASIL

"Não Sei Porquê"!

Por Luis de Camões

Busque Amor novas artes, novo engenho,
Para matar-me, e novas esquivanças;
Que não pode tirar-me as esperanças,
Pois mal me tirará o que eu não tenho!

Olhai de que esperanças me mantenho!
Vede que perigosas seguranças!
Pois não temo contrastes nem mudanças,
Andando em bravo mar, perdido o lenho.

Mas, conquanto não pode haver desgosto
Onde esperança falta, lá me esconde
Amor um mal que mata e não se vê;

Que dias há que na alma me tem posto
Um não sei quê, que nasce não sei onde,
Vem não sei como, e dói não sei porquê.

Correio de Nisa de 6/2/1965
COMARCA DE NISA

SECRETARIA JUDICIAL
ANÚNCIO

Pelo Juízo de Direito desta comarca, na acção especial, intentada nos termos do art.º 1.241 do Cód. P. Civil, que corre termos na Secretaria Judicial, proposta pelo Agente do Ministério Público, são, por este meio, citados os credores dos insolventes José Paulos Mourato e mulher Palmira da Piedade Carita, de Alpalhão, para no prazo de 10 (dez) dias, contado da data da segunda e última publicação deste anúncio, contestarem a mesma acção, na qual o Autor pretende ver reconhecido e depois graduado, na insolvência referida, o crédito da quantia de mil e oitenta cinco escudos proveniente de custas devidas no 9.º Juízo Cível de Lisboa, pelos insolventes.

Nisa, 11 de Janeiro de 1965

O escrivão de direito,

Manuel Moita Godinho

VERIFIQUEI.

O Juiz de Direito,

João de Deus Lopes

"O Correio de Nisa"
vende-se na Tip. Nisense

NOMES PREDICATIVOS



O AMOR É:

O melhor empenho,
A melhor desculpa,
A melhor recomendação,
O melhor prémio,
O melhor óculo,
O melhor espelho,
O melhor jôgo,
O melhor vinho,
O melhor remédio,
O melhor passatempo,
A melhor distração,
O melhor poeta,
O melhor desengano,
Nas mulheres--inconstante,
Nos homens--desconfiado,
Nos casados--tíbio,
Nos militares--passatempo,
Nos estudantes--ensaio,
Nos velhos--ilusão,
Nos comediantes--farsa,
Nos viúvos--vício,
Geralmente--eterno,
Na maior parte dos casos--tempo perdido.

(Do "Código do Amor")

DISCORRENDO...

Por António Malpique Rufino

Com o evoluir dos tempos provou-se que o homem sentiu uma necessidade premente, que se traduzia num convívio com os seus semelhantes, numa comunhão de esforços e ideias para a construção de um ideal — o seu meio, onde pudesse ver criado um clima de perfeita e integral realização —.

Se essa necessidade se nos afigura premente e se o homem, desde os primórdios, e através de vicissitudes tamanhas, se tem entregado de alma e coração em busca de uma vivência compatível com este ideal e ajustada à sua dignidade de humano, bom é que lancemos os olhos para as nossas crianças, proporcionando-lhes (de manhã é que começa o dia...), já e logo, um mundo que mais facilmente se conduza à fruição deste desiderato.

Dói-nos o coração, todas as vezes que cruzamos nas ruas com crianças — radiosas esperanças do porvir — entregues a si mesmas, completa e totalmente abandonadas, caminhando a via paralela da delinquência.

Competiria aos pais, como será óbvio pensar, a solução deste problema. Convenhamos, todavia que, por circunstâncias várias, a que não é alheia uma insuficiente mentalização do Pater Familias, este magno problema da nossa infância, não só se nos afigura nefastamente inquietante, como também, quiçá, com o decurso dos tempos, de solução duvidosa ou, pelo menos, difícil.

E já o povo na sua incomensurável sapiência, feita através da experiência e amadurecido com o rolar dos anos nos adverte: «mais vale prevenir que remediar...».

E assim, não esperemos que seja o tempo que nos peça o remédio para as coisas. Sejamos objectivos. Encaremos as realidades de frente, integrando-nos nas hodiernas necessidades de amanhã. Não caiamos nas soluções de emergência, não passemos a vida tapando aqui para mais além se

romper. Olhemos para o futuro, mas com os pés bem assentes na terra e procuremos fazer obra que se nos afigure proveitosa.

Comecemos pelas crianças.

.....
Vem-nos à mente este preâmbulo quando, em longes terras, congeminávamos sobre a nossa saudosa Nisa...

Que há em nossa terra que garanta e proporcione ao mundo jovem um ambiente ajustado aos seus anseios e em harmonia com as suas necessidades?

Como a árvore selvagem, abandonada e só, no plaino ardente, comparamos as nossas crianças. Como a árvore solitária se cobrirá de abrolhos, mercê de descuidadosa assistência, também a criança, pura e ingénua de início, se tornará viciosa, se a tempo não descermos até ela, qual ser da mesma idade, para adequadamente a orientarmos.

Bom é todavia notar que a época do "magister dixit" felizmente, já lá vai. Tênhamos em conta esta verdade.

Lembremo-nos também de "Cântico Negro" do nosso vizinho José Régio:

•Vem por aqui — dizem-me
algus com olhos doces,
Estendendo-me os braços, e
seguros
De que seria bom que eu
os ouvisse
Quando me dizem: vem por
aqui!
Eu olho-os com olhos lassos
(Há, nos seus olhos, ironias
e cansaços)
E nunca vou por ali...»

Isto a propósito da necessidade de não orientarmos, impondo discricionariamente:

NÃO!

.....

Chamamos a atenção, de quem de direito, que urge pensar-se a sério nos problemas das nossas crianças nisenses. Há necessidade de as projectar, mas já, no mundo de amanhã, rodeando-as hoje de todos os elementos inerentes à sua

condição.

Que fazer?

Infelizmente sabemos que não há possibilidades, julgamos, de edificar na nossa terra, um mundo essencialmente juvenil. Algo, contudo, e confiados na boa vontade dos nossos maiores, se poderá fazer em benefício das camadas jovens e desprotegidas da nossa terra.

E, para começar, bem gostaríamos de ver um parque infantil.

Não para os olhos, como a relva do nosso jardim, que apenas serve para a vermos crescer...

Não nos interessam inúteis beldades... Primeiro o útil e tanto melhor será se ao útil juntarmos outros acessórios...

Lançamos a ideia do parque infantil e esperamos confiadamente que não nos quedemos apenas pela ideia.

Avante, parque infantil.

Câmara Municipal de Nisa

Plano de Actividade para 1965

POSTO DO LEITE

Procuraremos também transferir para as suas novas instalações no edifício do Mercado Municipal, os serviços do Posto de recepção de Leite, modificando para tanto os móveis e utensílios existentes e adquirindo o mais que for indispensável, dentro das nossas possibilidades.

CEMITÉRIOS

Igualmente procuraremos dar início à obra de construção do Cemitério de Monte Claro, que as condições financeiras do Município, apesar de comparticipada há anos, ainda não permitiram executar.

MERCADO MUNICIPAL

Para lhe dar maior utilidade funcional, procuraremos modificar algumas lojas (talvez duas), para nelas poderem ser exercidas actividades que hoje o estão sendo ao ar livre, no recinto anexo, em baracas inestéticas que, de certo modo, prejudicam e dão mau aspecto ao mesmo recinto.

Construir-se-ão estrados em madeira a fim de que os vendedores não tenham de permanecer sempre sobre o piso de cimento, e colocar-se-ão nalgumas bancas suportes em ferro, cromados ou niquelados, para exposição de produtos, especialmente de salsicharia.

ESTRADAS E CAMINHOS

Trabalhos a prosseguir

Proseguirão os seguintes trabalhos, para os quais contamos com a comparticipação do Estado:

(Continua na página 4)



OÍ OJ' EU CANTAR D'AMOR,
EN UN FREMOSO VIRGEU...

Mártir Santo

Realizou-se, mais uma vez, no dia 24 de Janeiro, a festa de homenagem ao Mártir São Sebastião. No largo fronteiro à Capela, juntou-se o povo, como de costume. A sineta badalava ininterruptamente; os foguetes estalavam nos ares. Houve arrematação de "ramos", o que em alguma coisa contribuiu para a prática do bem-fazer e de vivificar uma tradição que não deve extinguir-se. Tempo fresco, com ameaças de chuva, a tarde manteve-se agradável, sem grandes riscos de danos físicos. Viam-se algumas barracas de confeitaria e bolos, ideal da garotada e de outros que, não sendo garotos, também gostam do que é doce.

Nas janelas dos prédios circunjacentes, as mulheres constituíam um friso de frescura e de colorido. A Banda de Nisa executou com mestria vários números do seu repertório, escutado com atenção pelos apreciadores.

Uma só nota desagradável maculou o conjunto e feriu a sensibi-

lidade de observadores atentos: a forma pouco caridosa por que eram transportados os animais, oferecidos aos lances dos presentes. Sacolejados de todos os modos, apertados, espavoridos, as tristes aves passam mártiros.

Isto tem de acabar, mas acabar definitivamente, porque não é coisa que dignifique. Nem mesmo o Mártir quer tais mártiros.

PROVIDÊNCIA IMEDIATA

Encontra-se já reconstruída, e com perfeição, a valeta da rua dos Combatentes, há vários anos desfeita para assentamento dos canos de esgoto.

O trabalho merece os mais rasgados elogios e é prova de que, na medida do possível, os serviços municipais não se poupam a ordenar tudo que é justo e que contribue de qualquer modo para o conforto do público. Assim o público o saiba reconhecer, como nós o fazemos.

A VIDA ADMINISTRATIVA LOCAL

Oferecidos pelo Sr. Presidente da Câmara Municipal, recebemos o "Relatório da Gerência do Ano de 1963" e o "Plano de Actividade e Bases do Orçamento do Ano de 1965". Esta oferta traduz claramente a ideia de que o nosso jornal deve ser elucidado de toda a acção administrativa do Concelho, para que os munícipes saibam como se trabalha, substituindo-se, assim, o falar ao acaso, por apreciações justas, em que se deve basear a crítica construtiva e educada.

Agradecemos ao Sr. Presidente da Câmara a oferta, que consideramos muito útil, e ficamos esperando que Sua Ex.^a nos vá fornecendo também os vários elementos solicitados na nossa carta de princípios de Dezembro, ao que, certamente, por muitos quezafes, ainda não foi possível providenciar.

Iremos publicando os principais assuntos dos trabalhos oferecidos, com o relevo que muito bem merecem.

ALMA NISENSE

A Sr.^a Professora D. Maria da Cruz Reizinho Tremoço, que exerce o magistério oficial no Vale do Arco (Ponte do Sôr), ao saber que o Rancho de Nisa visitava, de passagem, aquele lugar, mandou pôr à entrada da povoação um dístico de boas vindas.

O nicense é assim. Pode estar longe da sua Terra, mas o seu coração sempre cá fica.

A Chuva

Ei-la que chegou! Foi uma rega providencial, embora batida por vento forte, com rajadas.

O arvoredo começa a desdentrar-se e as terras lavradas beberam bem. Nestes casos, como em muitos outros, as opiniões dos homens não contam, mas há sempre quem queira sol na eira e chuva no nabal.

A MORTE

Faleceram em Nisa João Carriço (antigo criado do Sr. Dr. Luis João da Silva), Maria Gabriela, com 8 anos, filha de Joaquim Morgadinho; e, no Asilo, José Maria do Nascimento, de 85 anos.

NEÓFITOS

Foram baptizados: Joaquim Maria de Oliveira São Pedro, filho de Isabel de Oliveira São Pedro; Maria Sofia Carrasco Bizarro, filha de António de Oliveira Bizarro e de Maria do Rosário da Cruz Carrasco; Maria do Rosária Moura Semedo, filha de Tomás Dias Semedo e de Maria da Graça Moura Valente.

Tragédia das Estradas

Uma bicicleta motorizada, em que seguia Francisco da Cruz Carita, colidiu perto de Arês com uma carroça. Ferido, o ciclista veio para o Hospital de Nisa.

AQUI BEM PERTO—A DOIS PASSOS

Colaboração de — ANTÓNIO BENTO e ILÍDIO NOGUEIRA LEITÃO

(A' memória do querido amigo José Loução)

ALPALHÃO

Se vieres do Sul, ali onde o Sol mais se abaixa e queima, e lá porque a vila, espalmada e dispersa ao primeiro relance dos teus olhos cansados e fartos da crueza da planície que deixaste para traz, te pareceu menos cuidada e geometricamente certa, não deixes de parar... Pára, desvia-te um pouco para a direita, depois, e deambula pelas suas ruas. Não precisarás de programa, nem de ninguém que te ajude:

Há-de guiar-te o sabor estranho, perdido no ar, das falas que vêm de dentro das suas casas; a curiosa e cantante algarviada da miudagem que brinca ao Sol; a conversa amena das moças bonitas que voltam da fonte; a linguagem branda das velhinhas que se penteiam, sentadas nos pofais das suas portas; a discussão acesa entre os seus homens de negócio, gritada num quasi dialeto saborosíssimo, recheado de expressões raras e incríveis.

Ante a moradia apalaçada, à qual o granito velho e a musgosa patine emprestaram um ar senhorial ou a feição ainda embuída das velhas e medievais tradições, detem-te outra vez e escuta tudo quanto te possam contar esses seculares ressaibos das passadas épocas. Aprende o nome dos seus senhores, e o dos seus filhos. E sabe o quanto por cá fizeram, e mesmo lá longe, nas ardentes e misteriosas plagas do Continente Africano, os Bagorros, os Sequeiras, os Penalvas, os Louções, os Subtís e tantos outros!

Noutros pontos da vila, em seguida, te farão sustar a marcha curiosidades e aliciadas que nem sequer sonharas... Há-de bater à porta da tua generosa sensibilidade, por exemplo, a nomeada duma geração — agora mais nova — de moços que, pela sua espantosa vivacidade e quasi louco irrequietismo, cunharam moeda de égide, se não lendária ou histórica, pasmosa pelo menos... O Loução — os Penalvas — o Castelo Branco — os Bagorros — os Cebolais — o "Dr. Chico Peseta" e... sei lá quantos mais!

Já agora, e uma vez que te detiveste ante os moços, detem-te também ante as moças bonitas com as quais te cruzaste há pouco no caminho da fonte... Vê como são formosas e gentis! Como é rara a beleza das loiras! Como é serena a graça das morenas!

Se fores gentil — tu também — para com elas, pode acontecer até que te abram as portas do seu baile, num Domingo...

Se assim for, baila com elas, sendo, porém, simples e delicado pa-

ra que as possas conhecer melhor e ver até que ponto há um mundo de ternuras na sua alma, e uma imensidade de graças no seu porte. Baila com elas assim — e verás ainda como te olham, meigos e bons, os olhos azul-de-louça das loiras e, doces, suaves, os olhos noite-escura das morenas. Baila, e... quando elas te depuzerem na mão direita — se "bãlhães" à direita — ou na mão esquerda — se bãlhães à esquerda — o finíssimo, perfumado e alvo lencinho de cambraia, para que lhe não manches, com o suor da pele, a blusa sedosa que as finas mãos delas trabalharam e lavraram de bordados miraculosamente certos e perfeitos, ou a longa e larga, e fina e pregueada saia rodada; e quando elas te falarem da sua santa "Sinhore d'Arridonde", — não sorrias, por amor de Deus! nem bulas da sua crença ingénua, porque, por detraz dela, mora a razão de um culto que a ninguém cumpre minguar com sorrisos ou desfeitear com ironias:

O culto do asseio do corpo, e o da limpidez da alma!

Não demorarás muito mais se, finalmente, procurares saber de que vive a maioria dos homens de Alpalhão...

O movimento vivo e palpitante dum carrear constante e ininterrupto de géneros agrícolas e de toda a espécie, e o tráfego célere e permanente, através das ruas da vila, de mueres, carroças, carrinhas e caminhetas, hão-de dizer-te que toda esta gente vive quasi exclusivamente da profissão ardorosa, dura e difícil de mercadear, numa linha que nasce ainda para lá de Castelo Branco e só acaba às portas de Évora-Cidade, alimentando Vila Velha de Rodão, Nisa, Portalegre, Crato, Alter do Chão, Fronteira, Sousel, Estremoz, Borba, Vila Viçosa, etc., etc., tudo aquilo que nos é imprescindível e que bem pode situar-se também numa linha, mas que, agora, nasce ali onde a mercadoria é o quasi supérfluo, e só acaba onde começam as portas do Vital... Quererá isto dizer que saberás que os homens de Alpalhão vivem do mercado de tudo e do mercado para todos, feito, não obstante e embora barulhento e colorido, falaceiro e sorna, por vezes, segundo os moldes da mais elementar, precisa e rigorosa ética mercantil.

Pronto, viajante amigo que vens do Sul e que não pensavas deter-te em Alpalhão... Só vais saber mais esta pequenina coisa:

Em Alpalhão há uma estrada, chamada "a de Circunvalação", pela qual não deves passar nunca... É impossível! E há que anos assim está!...

1-2-965

António Bento

Aos amigos Francisco Bugalho, «O Pese-ta», Alberto Peliquito Costa, «O Cardeal» e Manuel Sequeira «O Bispo» — companheiros queridos dos tempos de Colégio.

Alguém já pensou um dia,
Lá do alto, lá das Serras,
Tomar rumo a estas Terras?...
O Alentejo veria!

Aberto, franco, leal,
Largo no seu horizonte,
É terra que não tem monte
Mas humilde, sempre igual.

Tem gosto em bem receber,
É terra que nos dá pão,
Jamais os que daqui vão,
O poderão esquecer.

Aconchegado terias,
Lareiras das nossas terras,
Densado talvez nas Serras,
Além longe, terras frias,
Lágrimas, meditação,
Havia no alto monte,
Ao lembrar o horizonte,
Onde fica ALPALHÃO.

Nisa-Fevereiro-1965

Ilídio Nogueira Leitão



Carta do Senhor Presidente da Câmara

(Continuação da página 1)

lhores vilas do Alto Alentejo, não ficará bem que só por causa do capítulo da higiene, venha a ser considerada ou igualada às piores.

A terminar, e em face, porém, de declarações verbais feitas numa recente reunião do Conselho Municipal, por 2 ou 3 dos seus vogais, a Câmara Municipal, sempre desajustada de colaborar com todos os bem intencionados, decidiu prorrogar por 120 dias — isto é até 30 de Abril — o prazo estabelecido naquele edital, a fim de proceder a um inquérito, que já está em curso, com vista a esclarecer o que lhe foi apresentado e a definir directrizes de forma a poder solucionar de vez um problema que considera de interesse primordial para a salubridade e higiene das populações do concelho.

Do que fica exposto pode V. Ex.^a dar a publicidade que entender.

Com o pedido de desculpa pelo tempo tomado apresento a V. Ex.^a, com os protestos da maior consideração, os meus cumprimentos.

A Bem da Nação
O Presidente da Câmara,
Mário Relvas Fraústo

EFEMÉRIDES DA QUINZENA

Em vinte e três de Janeiro de 1905, morreu em Lisboa o genial caricaturista, ceramista e decorador Rafael Bordalo Pinheiro. Fundibulário impiedoso contra certos vultos políticos da época, cujas caricaturas se tornaram célebres e que arquivou nas páginas do "António Maria", a "Paródia" e os "Pontos nos ii", Bordalo Pinheiro teve projecção internacional, pois colaborou na "Ilustración de Madrid", "Ilustración Española y Americana" e teve acesso à "Illustrated London News", aberta somente a artistas de fama universal. Revolucionou a cerâmica da louça das Caldas e no barro nos deixou, além de muitas outras, a figura do "Zé Povinho" que tornou tradicional. A famosa "Jarra Beethoven" é uma das suas maiores coroas de glória.

Gente Grata

Procurou-nos o Sr. Rodrigues Correia para, por nosso intermédio, agradecer, sensibilizado, o oferecimento da canção publicada no último número do jornal, em "Aqui Bem Perto — A dois Passos". Cá fica o registo de gratidão.

VERDADES DE SEMPRE

Avezou-se a velha ao mel e comer-se quer

Resposta do Correio de Nisa

(Continuação da página 1)

e muito consentâneas e congruentes com um largo saber de experiências feito.

Descendo da inteligência ao instinto, o homem repele, por impulso natural, a proximidade dos irracionais, desses de cujas instalações e cómodos se trata agora.

Não é, pois, por gosto, por tendência, por estranha estética mental, que os tem sob os seus tetos, que os ouve nos estábulos vizinhos do lar, que os sustenta, que os defende, que muitas vezes — cruel ironia — até os trata mal.

É que, a opor-se a toda a lógica das aparências, há que considerar toda a lógica da realidade.

Não é possível resolver radicalmente, e de momento o ígneo problema, mesmo porque, até hoje, ainda não se descobriu, para qualquer enfermidade, um remédio radical, absolutamente radical.

Na vida dos homens, tudo é relativo. E, aliás, "natura non fecit saltus". Toda a evolução há-de dar-se lentamente; não mais furdas, não mais cabanais, não mais pocilgas dentro da Vila; mas, "quod stat, stat"!

Foi reconhecendo tudo isto, que V. Ex.^a, de certo, entendeu — e muito bem — prorrogar o prazo de execução das deliberações tomadas pela autarquia a que preside dignamente.

E, para isso, V. Ex.^a espera a colaboração leal de todos, porque, por sua lealdade, franqueza e bom-senso, a isso tem direito, muito direito, um direito que gente responsável não pode honestamente negar-lhe.

E todos nós estamos já no domínio de uma esperança, quase de uma certeza de que, considerados os factos, a deusa realidade, tudo venha a solucionar-se com perfeito equilíbrio, com ponderada justiça.

Não há que extinguir; há que reformar. Não há que destruir; há que purgar, na boa especiosidade etimológica do vocábulo.

E neste sentido, seja com fôr que o problema se resolva, uma providência se impõe: coagir todos a uma higiene cuidada, a dar a animais e a coisas um ar de decência, de inteligência, de lógica, acabando-se com os suplicios a que tantos sujeitam os pobres viventes, conservando-os num monturo de lódo, obrigando-os, os despóticos humanos, a uma vida de martírio, que é prova de crassa estupidez e tradução de péssimos sentimentos. Isto, sim, o que há a fazer, para defesa da saúde pública e para elevação do que o homem tem de mais belo, de mais confortante, de mais elevado, a sua dignidade.

Nós não podemos considerar o problema de outro modo.

Séculos de prática não podem ser riscados do calendário da vida com as rajadas ciclónicas de decisões de momento, com a álgida rapidez do instante em que se morre.

A prorrogação de prazo é, na verdade, uma luz de esperança — digamos mesmo — um apelo à sensatez, ao equilíbrio, ao justo critério de uma justa justiça.

Por ela esperam os munícipes, convencidos de que possam continuar a viver e a realizar a sua economia tradicional, sem o inferno de uma separação brusca, que é sempre dramática e, por vezes, trágica.

"Natura non fecit saltus," a evolução há-de dar-se lentamente.

Câmara Municipal de Nisa

(Continuação da página 2)

- 1) Construção do C. M. 1002 de Alpalhão a Arez — terraplenagens e pavimentação;
- 2) Construção do C. M. 1002 de Cacheiro (proximidades) a Monte Claro — pavimentação e construção do pontão sobre o ribeiro de Palhais;
- 3) Construção do C. M. 1101 de Tolosa (E. N. 118) ao limite do concelho do Crato (pelo Carvalhal) — terraplenagens e pavimentação;
- 4) Reparação e beneficiação da E. M. 525 de Montalvão a Póvoa e Meadas — revestimento betuminoso;
- 5) Construção da E. M. 526 de Nisa a Salavessa pelo Pé da Serra — terraplenagens, pavimentação e construção de ponte;
- 6) Construção da E. M. 526-2 de Salavessa a Montalvão — terraplenagens e pavimentação, incluindo a travessia de Montalvão até à E. N. 359;
- 7) Construção da E. M. 527 da E. N. 18 ao Duque e Arneiro — revestimento betuminoso;
- 8) Construção da E. M. 527-1 da 527 ao Pardo — revestimento betuminoso;
- 9) Construção da E. M. 527-2 do Duque (proximidades) ao Rio Tejo — terraplenagens;
- 10) Construção da E. M. 528 de Arez a Amieira do Tejo — revestimento betuminoso;
- 11) Construção da E. M. 529 de Nisa (E. N. 18) a Tolosa (E. N. 118) — revestimento betuminoso;
- 12) Construção da E. M. 544 da E. N. 18 à E. M. 527 (proximidades do Duque) por Velada e ramal para Chão da Velha e Cacheiro.

(Continua no próximo número)

A TIPOGRAFIA

NISENSE

recebe anúncios e assinantes
para este jornal

FICHA DE LEITURA - 1

(Continuação da página 1)

trabalho, sem ser um tratado definitivo, é um estudo sério, alicerçado numa erudição sólida e dinâmica, assinado por um autor para quem a Etnografia e a Filologia não têm segredos e que, portanto, de há muito ultrapassou a fase embrionária e sincrética do puro amadorismo nas suas habituais implicações de impudor e de irresponsabilidade.

A bibliografia do autor, relativamente vasta já, insere uma obra válida, cuja paternidade ele não engeita e onde sobejamente afirmou já a sua missão de intelectual responsável, pese embora a exagerada modéstia, o pueril desinteresse e a cândida ingenuidade com que se apresenta e que são características sinecismas da sua personalidade de homem e de escritor.

Sempre que nos é dado o prazer e a competência de penetrar no âmago das suas produções, exigentes no "accessit" da admissão, ocorre-nos ao quadrante mental o labor silencioso e positivo dos beneditinos medievais que, no desconforto e na soledade da sua cela, diluídos num anonimato corajoso em prol da valorização da comunidade, investigavam, reuniam, ressuscitavam e criavam elementos de cultura, divorciados, por eticismo epocal, do êxito fácil, da publicidade tonitruante, da propaganda de compadrio, do cabotinismo ruidoso.

O Dr. Carvalho Costa, ainda que "clerc" laico, enfileira naquela parceria monástica, integra-se, pelos métodos de trabalho, naquela tipologia intelectual, autêntica raridade nestes "dias tumultuosos". O presente trabalho compõe-se de 140 expressões populares, típicas da linguagem da gente do Alto Alentejo. O autor não se limita a seriá-las por ordem alfabética, mas justifica a origem filológica dos vocabulários, descreve a sua evolução fonética, para finalmente lhes desvendar a semântica local.

E quando por vezes o apoio científico lhe falta, o Dr. Carvalho Costa, como investigador escrupuloso que respeita e honra a ciência que serve, evidenciando uma invulgar probidade intelectual e um socratismo exemplar, não hesita nem se deminui com uma confissão de ignorância propedêutica, aventando todavia uma hipótese que pode muito bem vir a ser uma certeza. Imune de narcisismo vesgo e arredo ao complexo balofo da auto-suficiência, enfrenta o diálogo, solicita a colaboração, como expressa, em geito de convite, no seu prefácio: "se alguém entender que ele (o seu trabalho) deve ser corrigido, é corrigi-lo — e eu ficarei muito grato por tal".

Assim, por exemplo, quando cita a expressão "andar ao grepe", isto é, andar sem eira nem beira, e não descortina com rigor científico a origem do termo, declara francamente: "não me posso pronunciar,

porque os livros que manuseei não o registaram"!... Mas, suprindo a dificuldade, lança a hipótese de uma relação entre "grepe" e "garepe", provincialismo algarvio, referido por Cândido Figueiredo, ainda que com significado diferente.

Os leitores — tão raros... — deste género histórico-literário, os fiéis da Etnografia com repositório dos usos e costumes de um povo, os estudiosos da Linguística como veículo de comunicação e fraternidade, podem encontrar neste trabalho suculentas razões para mitigar a sua fome de conhecimento e até motivos de sugestão e de estímulo para novas produções no mesmo campo fértil. Nas 140 expressões apresentadas, frequentes no falar do povo da região escolhida, há algumas bem curiosas pela sua tonalidade e pelo seu conteúdo semântico, que não resistimos a transcrevê-las, apenas como amostra, e até... com saudeira:

— "andar de vareta" — como sinónimo popular de revolução instestinal...

— "aventar com os aparelhos ao ar" — explodir em blasfémias e insultos.

— "dar uma desfarda" — aplicar uma descompostura ou, no caso de um jogo, conceder desforra.

— "dar uma tração" — rogar uma praga.

— "estar pelacho" — nudez absoluta.

— "fazer ou deitar uma saúde" — brindar em situação solene. Entre as várias citadas pelo autor, destaco esta "saúde" pelo que tem de diplomacia popular, de "à bon entendeur demi mot":

"Cá bebo 'ste copo de vinho
E com isto vou terminar,
Façam favor de se levantarem
Que há mais quem se queira
sentar."

— "jogar a leite de formiga" — jogar sem ser a dinheiro, como pura distração, como actividade lúdica sem intenção exploradora.

— "mostrar o dente" — ir ser padrinho num casamento ou baptizado.

— "ousiar o gado" — tratar ou guardar o gado.

Também o autor menciona — como não podia deixar de ser — a expressão genuinamente alentejana "cantar as saias" — misto de canto e dança, pois as "saias" cantam-se e "balham-se", com ou sem acompanhamento musical (harmónio). A propósito, recordo-me que, em dia longínquo, pessoa idosa, nisenense e nisorro, me cantou em surdina uma dessas "saias", rica de musicalidade, de intenção amorosa e sentido gracioso:

Os olhos daquela, aquela,
Os olhos daquela ali,
Ou tu lhe tens "amizêde"
Ou ela tará tá ti...

"Notas Etnográficas e Linguísticas Alentejanas" revelam um longo labor, exaustivo e profundo, na recolha e análise das expressões populares e constituem um estudo erudito, mas de leitura agradável, um trabalho sério, como são todos os do Dr. Carvalho Costa, a quem ousamos alvitar que, nas suas explorações etnográficas e linguísticas, experimente introduzir e considerar elementos sociológicos e económicos que poderão vir a ser materiais fecundos e focos luminosos para os seus futuros trabalhos de investigação histórica.

CARLOS BENTO